

## PAISAGENS SONORAS: RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS

YARANA ESTER DE CAMPOS BORGES<sup>1</sup>; RAFAEL DA SILVA NOLETO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [yaranaester@hotmail.com](mailto:yaranaester@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [rafael.noleto@edu.com.br](mailto:rafael.noleto@edu.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da disciplina de Antropologia e Meio Ambiente (código: 1678118), onde foram estudados os conflitos ambientais na intersecção dos estudos de ecologia política e antropologia ambiental, ministrada pelas professoras: Flávia Rieth, Adriana Peñafiel e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Aqui será apresentado um recorte, mostrando um pouco sobre as relações que foram tecidas e formaram a minha concepção acerca da paisagem sonora. A audição é importante para a minha inserção ao estar no ambiente, bem como a visão.

Foi realizada uma caminhada nas bordas das águas, um exercício etnográfico, que começou no trapiche da praia do Laranjal e terminou no Pontal da Barra, por volta das 14 horas às 17 horas, do dia 11 de maio de 2022. Tendo como tema a comunidade pesqueira local, habitada no Pontal da Barra do Laranjal no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul.

Ao longo do trabalho iremos encontrar as perspectivas de: ECKERT e ROCHA (2013), KRENAK (2019), CROMACK (2004), DE LA CADENA (2018), DANOWSKI (2015), ESCOBAR (2012 e 2016), INGOLD (2008 e 2013) e PEREIRA (2017).

O pensamento desses autores e dessas autoras, estão atrelados às significâncias do papel antropológico, do que é fazer uma etnografia de rua, das relações sociais entre humanos e não-humanos. Esse fazer antropológico que se dá através dos sentidos, aqui no caso, ver e ouvir.

### 2. METODOLOGIA

Essa caminhada, foi realizada, partindo dos princípios de uma “etnografia de rua” segundo as antropólogas ECKERT e ROCHA (2013):

A etnografia de rua, aqui, é um deslocamento em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figurações da vida social da cidade. Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, à própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes (ECKERT; ROCHA, 2013, p.3).

O trabalho reflete sobre as condições de paisagem sonora. A audição é importante para a minha inserção ao estar no ambiente, bem como a visão. Então, existe o eu, a audição, a visão, a paisagem sonora, o que o fazer e sentir representa do que resulta essa paisagem sonora. O que eu captei com minha audição, onde estava minha atenção, meu corpo, meu locus social.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Articulando com as ideias de KRENAK (2019), DE LA CADENA (2018) e DANOWSKI (2015), fora retratada as percepções de encontro e as questões afetivas, a perspectiva do meu conhecimento e a relação com o outro, sobre o que é conhecido a partir do encontro.

Devido o relato do encontro com os interlocutores, foram também abordados, os vínculos com o lugar, as memórias e a ancestralidade, pois assim, estão sustentados e guarnecidados as novas identidades e garantem a sobrevivência das gerações futuras. Aliado a isso, ESCOBAR (2012 e 2016), coloca a relação do

mundo com o corpo, com o ser, esse sentido ontológico, esse mundo de significação onde se constrói o sentido e se organiza o mesmo. Assim, utilizar o conceito de ontologia não significa que não se vê mais a cultura, e sim pensar em encontros e que encontros que alargam os conceitos, do fazer, ser e reconhecer. A dimensionalidade do antropólogo não faz leituras dos mundos e sim relações desses mundos.

Então as intenções e motivos da ida a campo foram circular por diferentes ambiências, observar o ritmo de vida dos habitantes, registrar acontecimentos, estar pronta para possíveis conflitos territoriais, perceber as relações que ocorrem entre o litoral e a cidade. O fazer-ser, o desenvolvimento regional com as questões dos lugares, os aspectos culturais, uma vez que é uma vila de pescadores. O lugar foi pensado a partir das relações, dos espaços de comunicação das pessoas, da natureza e desses seres entre si, com as possíveis trocas entre eu e o local, eu e as pessoas, eu e os colegas e a biodiversidade local, fauna, flora.

Partindo do princípio estabelecido do fazer-ser, de ver, olhar, sentir, quais são essas sonoridades que estão ali no Pontal da Barra e que refletem em forma de som, retratando uma história, que é a paisagem sonora local. PEREIRA (2017), ainda ressalta que:

O vento e a chuva comunicam o que existe ao nosso redor em vozes e motores que se misturam construindo nossa experiência com o mundo. As sonoridades configuram ambiências, constroem práticas cotidianas e constituem dimensões culturais e sociais (PEREIRA, 2017, p. 11).

Me deixei afetar pelos sons da lagoa e do vento, essa relação desse cruzamento de sons entre o barulho da água e do vento batendo na vegetação, que produz um som, um farfalhar e, uma vez por outra, o cantar de um pássaro.

Conforme INGOLD (2008), “A visão, nessa concepção, define a individualidade do eu em oposição aos outros; a audição define o eu socialmente em relação aos outros” (INGOLD, 2008, p. 10).

O espaço da audição, então, não está colocado sobre você, o ouvinte, mas corre em sua direção e para dentro de você. Não é um espaço de lugares, mas sim de correntes, onde nada pode ser dividido ou mensurado. Sua experiência auditória é, essencialmente, participativa, de imersão em uma ‘totalidade indivisível e sem fronteiras’ (ZUCKERKANDL *apud*, INGOLD, p.336). E, deste modo, a qualidade ‘lá fora’, que experienciamos na visão, é substituída pela qualidade ‘lá-de-fora-em-minha-direção-e-para-dentro-de-mim’. Ou, em outras palavras, o passo da percepção visual para a auditiva é ‘como a transição do meio estático para o fluido’ (ZUCKERKANDL *apud*, INGOLD, p.277) (INGOLD, 2008, p. 62).

Deixei com que a paisagem me guiasse, com que o ambiente contasse a história do local, para mim. Onde estava minha audição, onde estava minha atenção, meu corpo, meu locus social. Interpretando o nativo e interpretando o meu em si-mesmo no contexto do diálogo com a natureza e pessoas. Atenta aos sinais para poder retratar o ambiente.

Então o que essa capacidade de ver as coisas (INGOLD, 2013, p. 22) nos diz sobre a paisagem sonora? De que toda ciência depende de observação e toda observação depende de participação. Esse saber (re)conectado com o ser. Essa etnobiodiversidade é a inclusão do ser humano.

Portanto, como pensar o lugar a partir das relações? A partir, desse diálogo fronteiriço, com o fazer, ser, desenvolvimento regional com as questões dos lugares, percursos ancestrais. É essa análise com o perceber o ambiente sonoro e os impactos da cidade com a região. Esse corredor de pássaros que está sendo influenciado pelos ventos, pelas chuvas, pela água.

São essas paisagens visuais, que se (trans)formam em paisagens sonoras e que por fim se formam paisagens textuais, são as figuras, imagens, elementos que compõem as paisagens culturais que irão compor e descrever aquele tempo-espacô sonoro. Digo por tempo-espacô sonoro, aquilo que aconteceu naquele período em que estivemos em campo, muito provável que se houvessem outras saídas, as concepções de sonoridade, ganhariam novas significações.

O estudo da memória afetiva e do pensar a si mesmo na paisagem. A estrutura, as relações sociais entre humanos e não-humanos. Ainda em campo, eu, conectada ao ambiente a partir da minha audição, além de pensar os outros em relação com a paisagem, pude o tempo todo, pensar em mim mesma.

Pude perceber que em nossa memória, os sons se relacionam com as imagens, bem como uma lembrança do cheiro de bolo de fubá, na casa da avó. Então a visão aguça a atenção da minha percepção acerca da audição. É assim que isso reflete nos meus outros sentidos, porque a partir da minha relação com a audição, automaticamente eu aguço a minha visão.

Essa ideia de INGOLD (2008) sobre espaço:

Habitar um tal mundo não é se deparar com um espaço de objetos prontos, mas participar de dentro no movimento perpétuo de sua geração. [...] A audição é o par ressonante dessas ações com o movimento da atenção do ouvinte (INGOLD,2008, p. 18).

Onde os sons (pre)enchem o espaço e também sobre caminho que retrata o meio ambiente, são os sentidos a partir do qual essa etnografia é registrada. Logo, a partir do pensamento que pensa o pensamento. Se este eu que pensa é porque existe o pensamento, então é porque existe o eu. Logo, penso no que pensar, do porque existe o som. E é muito possível que o som esteja presente em todos os espaços habitados pelos seres, sejam eles animados ou não.

Essa discussão desses autores e autoras retratam brevemente sobre ambiente e autoetnografia. Falam do meu eu, conectada ao ambiente a partir da minha audição. Sobre os sentidos, minha visão e audição, das relações do fazer-ser e sentir.

Desse modo, a visão aguça a atenção da minha percepção acerca da audição, o que acaba refletindo nos meus outros sentidos. Mas aqui a escolha além da audição, ficou na visão, porque automaticamente eu já estímulo a minha visão, por exemplo, eu faço leitura labial porque isso me ajuda a entender melhor a pronúncia das palavras. Logo, atenta e reagir ao ambiente, com os meus sentidos, vivendo ali no ambiente, no descompasso da audição eu aciono a visão, o meu corpo (re)mexe para me introduzir a campo.

Como o som faz o ambiente, o meu corpo direciona-se para o local ao qual eu desejo captar a ambiência do local. Aqui faço um paralelo a minha carreira artística, eu como cantora. Percebe-se que o meio musical está impregnado de concepções que orientam a sociedade abrangente. Devemos falar sobre o que nos contempla, mas também, devemos estar atentos ao todo, saber que não somos os únicos indivíduos do mundo e que existem várias formas de pensar, ser e agir, reconhecendo outros aspectos culturais, sociais, comportamentais, entre outros.

Por possuir uma limitação auditiva no pavilhão direito auditivo, não tenho toda a parte do ouvido médio. Essa questão me fez olhar para esse aspecto, e tive que lidar com isso em minha carreira como cantora. Todo músico tem que ter uma noção de afinação, e no canto eu preciso ter uma noção de afinação e uma série de outras coisas que interferem no canto. Consequentemente, devido a essa sensibilidade, por assim dizer sonora, o som se faz tão presente e necessário em minha vida, e não só na minha vida. Mas na vida de todos os seres humanos ouvintes. Os

barulhos sonorizam o ambiente e, dependendo do meu grau de audição ou não, eu terei uma percepção com e no ambiente.

No meu caso, segundo a definição de CROMACK (2004), eu me encontro na identidade flutuante. Pela minha deficiência, não faço parte nem do mundo ouvinte e nem do mundo surdo, pois tenho deficiência auditiva unilateral. É interessante observarmos que as discussões acerca do atendimento à diversidade vêm sendo debatidas em vários campos. Um assunto que deve ser tratado com respeito e sensibilidade, pois essas relações se fazem necessárias e se entrelaçam com o fazer-ser, sentir, estar, na percepção, seja de qual ambiente estamos.

#### 4. CONCLUSÕES

A ideia aqui, foi mostrar como a audição é um dos sentidos que me fazem estar no mundo, de ter uma percepção ali do ambiente. Os sons me colocam em uma posição, o que eu captei com minha audição naquele recorte de tempo-espacó, onde estava minha atenção, meu corpo, meu locus social.

Essa etnografia na rua foi um exercício que além de interpretar o nativo, eu interpretei o meu em si-mesmo no contexto do diálogo com a natureza e pessoas. A audição me introduzindo como antropóloga e vice-versa. Um exercício de paisagem sonora através da sensibilidade auditiva e visual.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 24, n. 4, p. 68-77, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gwqgpPLXRVQWSfVrLd8WsS/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400009>. Acesso em: 22/07/22.

DE LA CADENA, M. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 95-117, 2018.

DANOWSKI, D. V. de C., E. Há mundo por vir?: Ensaio sobre os medos e os fins. *Cultura e Barbárie / ISA*, 2015.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *Etnografia da rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 2013.

ESCOBAR, A. Cultura y diferencia: la ontología política del campo de cultura y desarrollo. *Wale'keru. Revista de investigación en Cultura y Desarrollo*, [S.I], v. 2, p. 8-29, 2012.

ESCOBAR, A. Autonomía y diseño. La realización de lo comunal, Popayán, Universidad del Cauca, 2016.

INGOLD, T. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 3, 2008.

INGOLD, T. REPENSANDO O ANIMADO, REANIMANDO O PENSAMENTO. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10, 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.43552. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/43552>. Acesso em: 21 jul. 2022.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, A. P. Sonoridades do trem na cidade de Pelotas-RS: percepções e significados. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Curso de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.